

Anieli Ginsberg

# Psicologia e Sociedade

"Um trabalho de formiguinha", é assim que ex-alunos definem a atividade de ANIELA GINSBERG na área da Psicologia. Com toda simplicidade aos 82 anos, esta polonesa de Varsóvia dá um show de vitalidade: ela participa de Congressos Internacionais (até hoje foram 31), orienta doutorandos, dá aulas. Além disso, ainda encontra tempo para publicar artigos que abordam em sua maioria as interferências culturais sobre a personalidade. Assim, ela estudou os índios kaingang, os nisseis, atitudes de nacionalismo e de racismo, tratando ainda de psicologia do trabalho e (sua contrapartida?) psicologia dos ladrões habituais. Ao todo, cerca de 53 artigos.

Anieli chegou ao Brasil em 1936 e desde esta época se dedica à implantação das bases de uma Psicologia Social. Em 1950 optou pela cidadania brasileira e em 1952 assumiu outra "cidadania", a de professora na PUC. Aqui, ela trabalhou no Instituto de Psicologia que (infelizmente?) não existe mais, em 57 foi para a S.Bentro (faculdade incorporada à PUC) e em 1972 fundou o Programa de Psicologia Social no nosso Pós-Graduação. Fomos conversar com a "mãe" de muita gente boa que procura uma Psicologia mais aberta à totalidade do ser humano.

## E Aportei no Brasil

**PORANDUBAS: Como a senhora veio parar no Brasil?**

**Anieli:** Meu marido, Tadeus, foi convidado para trabalhar aqui, no Banco Francês e Italiano, para um prazo de 3 anos. Nesse momento, começou a guerra e permanecemos aqui. Após a guerra, pensamos em ir para a Itália mas não deu certo. O Banco foi fechado e fomos para o Rio e depois para a Bahia. Meu marido sempre trabalhou em bancos na área jurídica.

Quando cheguei, logo procurei os psicólogos da terra. Uma psicóloga importante era a Noemi Rudolfer, que criou o pri-

meiro laboratório de psicologia infantil. Encontrei também a Betti Katzenstein, falecida há 3 anos. Ela fugiu dos nazistas, era alemã israelita, uma pessoa extraordinária. Ficamos muitos amigos, por muitos anos. Ela se ocupava especialmente com crianças. Montamos uma Clínica juntas e também trabalhamos no SENAI.

O português não foi difícil para mim, pois tinha vivido 2 anos na Itália, onde meu marido também fora chamado para trabalhar.

**PORANDUBAS: Como foi a evolução de seus interesses? De sua carreira acadêmica?**

**Anieli:** Fiz o mestrado antes de casar (casei com 24 ou 25 anos, não lembro agora). A dissertação foi sobre o medo, a partir da vivência de meus amigos, que tinham ido para a guerra contra os russos. O doutorado foi sobre questões teóricas. Ainda na Polônia, comecei a trabalhar com crianças e com adolescentes à procura de trabalho. Aqui, no SENAI, começamos a estudar a capacitação para o trabalho na área técnica. Aliás, todos os psicólogos mais velhos começaram no SENAI: o Joel Martins era um dos mais novos da época. Pois a Betti e eu produzimos uns testes bem bonitos, que aplicamos durante um mês numa indústria de tecelagem. Foi um fracasso, pois fizemos uma adaptação. A partir daí procuramos inventar testes mais adequados para a realidade e para a cultura brasileira. O SENAI foi para nós uma escola muito boa. À tarde a gente atendia em nosso consultório.

Nesse tempo o prof. Enzo Azzi, psiquiatra, me convidou para trabalhar no Instituto de Psicologia da PUC, que ela cabara de fundar. Azzi me conheceu através de um de meus artigos. Primeiro montamos a parte clínica e depois começamos a dar os cursos. O Ciampa, por exemplo, foi da primeira turma.



## Psicologia Brasilis

**PORANDUBAS: Qual era a situação da Psicologia no Brasil, naquela época?**

**Anieli:** Bem, no Brasil, em termos de Psicologia, não tinha muita coisa, embora tivesse coisas e pessoas interessantes. As únicas escolas estavam aqui em S.Paulo e no Rio, com Lourenço Filho, que foi o primeiro de todos. Ele era um homem interessante. De vez em quando eu ia com a Noemi ao Rio conversar com ele. A Psicologia nasceu da área escolar. As faculdades foram organizadas quando ocorreu a regulamentação da profissão de psicólogo. Assim, eu peguei a Psicologia nascendo no Brasil, ainda sob forte influência norte-americana. Mas na área da Psicologia, muita coisa foi o Azzi que fez. Não sei por que ele saiu da PUC. Ele é um bom professor e muito organi-

(Agradecemos as dicas de Sílvia Lane, M<sup>a</sup> Carmo Guedes, Antônio Ciampa, Elinei Gomes).

zador. Não sei por que ele saiu da PUC. Agora está trabalhando na Santa Casa.

Bem mais tarde foi fundado o Pós em Psicologia, idéia do Joel Martins.

## Minhas Posições

**PORANDUBAS: Lembra de dificuldades da PUC com o governo?**

**Anieli:** Uma vez os soldados vieram aqui. Isto faz uns 7 anos. A Nadir foi muito corajosa, quando disse aos soldados: "Eu estou aqui em casa e não vocês".

**PORANDUBAS: Qual sua posição, acerca do regime polonês?**

**Anieli:** Quando eu nasci, eram os russos que governavam. Lembro de quando eu estava na escola, nós íamos dar apoio, levávamos chá para os soldados que iam lutar contra os russos. Depois vieram os alemães. Seguiu-se um tempo muito bom, de liberdade, com um governo livre. Atualmente a situação na Polônia não é boa. Não sei por que começaram a matar padres, não só um, mas 2 ou 3. O governo é comunista e muito dependente dos russos. Existe ainda a resistência da solidariedade.

**PORANDUBAS: A senhora é católica?**

**Anieli:** Eu sou católica, mas não muito... (risos).

**PORANDUBAS: Dentre tantas pesquisas que realizou, qual é a linha-mestra?**

**Anieli:** Pelo fato de ser polonesa, sempre me chamaram atenção os grupos interculturais. Fiz pesquisa entre italianos, poloneses e brasileiros e vi que no fundo as diferenças não são muito grandes, apesar das culturas serem diferentes. Esta semelhança eu encontro mesmo entre índios, gente da cidade, universitários.

**PORANDUBAS: Do alto de seus 82 anos, o que mais lhe impressiona na vida, no ser humano?**

**Anieli:** É difícil dizer... Tenho confiança no ser humano. A coragem, fazer o que se acha importante, seguir a própria convicção, isso é o que mais me impressiona.

**PORANDUBAS: O que fez seu casamento durar tanto tempo?**

**Anieli:** Deixe ver... Acho que é porque procuramos respeitar a liberdade um do outro.

**PORANDUBAS: E a velhice, o que ela lhe ensina?**

**Anieli:** Nessa época temos que renunciar a muitas coisas, dar o lugar aos mais jovens. Durante muito tempo, tive que dar conta de muitas formalidade, de muita coisa cacete. Agora, felizmente não preciso mais. Estou mais livre.

**PORANDUBAS: E o que faz no tempo livre?**

**Anieli:** Quer mesmo saber? Eu gosto muito de cachorros, tenho dois. Gosto também de jardim. Leio bastante Televisão? Só vejo o noticiário e depois desligo. Temos um grupo de amigos poloneses, que conta até com um padre, não lembro o nome dele. Ele é que celebrou nossas bodas de ouro. O pe. Edênio veio também.

**PORANDUBAS: A senhora deixou uma herança para a PUC?!**

**Anieli:** É... acho que é uma instituição boa e fizemos o testamento para ela. O que eu acho da democracia da PUC? Acho bom. Não conheço o Reitor novo, só o vi duas vezes e não posso dizer se vai ser bom ou não. Acho que a Nadir e o grupo todo foram muito bons.

**PORANDUBAS: Dizem que a senhora inventou a Psicologia Social**

**Anieli:** É verdade. mas a Sílvia Lane é que desenvolveu mais. Em todo caso, acho que não se deve separar muito a Psicologia Social, da Educacional, da Clínica. Esta separação é uma novidade que não sei se é boa. No princípio éramos todos psicólogos, simplesmente.

**PORANDUBAS: Como foi que se naturalizou?**

**Anieli:** A gente já trabalhava aqui, havia dificuldades na Polônia, então nos naturalizamos. Mas todo ano volto à Polônia, em julho que é quando faz mais calor.

**PORANDUBAS: E aqui no Brasil, em que partido vocês votavam?**

**Anieli:** Meu marido sempre votava em branco. "Não vejo nenhum candidato bom", dizia. Eu mesma uma vez fiz uma burrada: votei no Jânio...

## Porandubas

R. Monte Alegre, 984 — cep. 05014  
Tel. 263.0211 ramal 227

Equipe: Jorge Claudio Ribeiro (M. Tb. 11.650)

Edison Mendes de Almeida (M. Tb. 15.237)

Roberto C. Barreiro Fº (M. Tb. 3.038)

Diagramação: Mauro Laguna  
Composto e Impresso: Editora AFA

## Mais Passe Escolar

Dia 29/3 houve uma Assembléia (maioria do CACS) estudantil. Ao final decidiu-se fazer uma visita à CMTC para reivindicar aumento de cotas de passes escolares, posto de venda na PUC e passe para todos. Até lá, viajaram de graça no ônibus (imagine, como). Na CMTC, a turma se negou a se reunir em comissão com a direção da empresa. Afinal, se decidiu nova reunião para 12/4, com o Diretor Administrativo. Dia 11 haverá assembléia aqui no campus.

## CACS Promove

**ANARQUISMO:** serão 10 palestras aos sábados, a CR\$ 20 mil (todas), a cargo dos bambas da política; **REPÚBLICA:** curso já em andamento a cargo da prof<sup>a</sup> Zilda, de análise historiográfica; **FRANCÊS:** formando turmas.

**VIDEO-CLUBE,** já funciona desde o início do ano, todos os dias a partir das 10hs. É GRÁTIS e a programação é ótima!

# Trocando em 'Menudos'

Samir C. Meserani

Pra começo de conversa: o sistema escolar brasileiro já saturou seu modelo, não resistindo mais a nenhum remendo das usuais reformas. Precisa ser urgentemente inovado.

Este modelo nascido por volta do século V A.C., na Grécia, já deu o que tinha que dar. Há muito tempo vinha agonizando e recebeu seu golpe fatal, no Brasil, na década de 50. A imensa rede eletrônica de comunicação, que enredou o país, transformou-se numa concorrência insuportável para a escola em sua função primária de informar.

No sufoco dessa concorrência a escola tentou sair pela tangente dizendo-se formatória, enquanto a televisão era apenas informatória. Bobagem. A televisão também forma opinião, comportamento, sentimento. Trocando em "menudos", a televisão e a indústria fonográfica só não dá diploma para as pequenas adoradoras do coral de Peter Pans. Tem hora do lanche, apostila, porta-retratos, biografia...

E hoje a Globo e a Editora Abril são os verdadeiros Ministérios de Educação e Cultura deste Grande Paraguai.

Estrebuchando, a escola tentou outra saída: acusou a tv. de massificar, ou seja, de transformar o público em um grupo de indivíduos anônimos, submetidos ao controle de suas mensagens, sem opiniões próprias manifestadas ou manifestáveis.

E é aqui que me pergunto: qual a diferença, neste aspecto, da escola? Muito pouca, miudezas.

O "1894" de Orwell, que no ano passado tentou atualizar mais um "apocalipse now", mostra o olho eletrônico do Grande Irmão controlando pensamentos, sentimentos e ações de indivíduos submetidos ao estado. A propósito, neste ano valeria ler a crítica ao livro de Orwell o "1985" de Anthony Burgess, o da "Laranja Mecânica". Mas voltando ao assunto nessa história de controle automático a escola também teve seus momentos de "Grande Tia", olhando pelos olhos de suas agências de manutenção, no abominável mundo velho.

Se isso parece exagero, basta olhar para o sistema de comunicação de uma aula tradicional e ver o quanto a escola também controla e massifica um grupo de alunos, 30 ou 300, submetido à mensagem da aula, repetindo assustado essa mensagem para não repetir de ano. É um público cativo que está sendo programado, massificado, sem ao menos poder mudar de canal. O controle de audiência chama-se avaliação e garante o ibope do professor.

É claro que há aulas e aulas, avaliações e avaliações. Entretanto, o esqueleto tradicional da moribunda ainda é esse, insatisfatório para professores e alunos. Os professores, no fundo, já não se suportam nessa onipotência de ditadores de aula porque ela custa o fardo de

uma pseudo-onisciência. Já não somos mais deuses, oniscientes e onipotentes. Uma prova disso é o salário: nem deuses conseguiriam viver com tão pouco.

A quebra da onipotência, em benefício de uma comunicação dialógica e menos massiva deveria começar pela avaliação das aulas, sem nenhum constrangimento profissional, uma vez que todo profissional é avaliado em seu desempenho, sobretudo pela clientela. Pacientes se queixam ou agradecem seus médicos, clientes reclamam ou aclamam advogados, atores são aplaudidos ou vaiados.

É verdade que existe uma crítica das aulas feitas pelos alunos mas é um discurso subterrâneo que só circula nos corredores e intervalos. O professor é o profissional com quem o aluno mais convive, e qualquer estudante de 2º grau é capaz de fazer seu roteiro do filme "Amarcord" de Fellini, desfilando os protagonistas e antagonistas que marcarão a sua formação. A escola desconhece essa crônica por conveniência e burrice. Mas é tolice esconder o espelho: a imagem da escola se faz na aula.

É óbvio que essas crônicas são uma avaliação muito instável carregadas de torções emocionais e sujeitas a manipulações demagógicas, como mostra seu uso em alguns cursinhos. Mas pode ser um excelente índice de desempenho quando permite uma média das ocorrências da sala de aula.

Outra avaliação a se compor com essa

feita pelos alunos é a própria auto-avaliação feita pelo professor e, mais ainda, avaliações técnicas que não tenham a pretensão pseudo-científica e reducionista de medir milimetrias e mecanicamente constatar o óbvio ou meras intenções programáticas.

Enfim, os modos de avaliação merecem uma discussão mais ampla. A necessidade de fazê-la é que me parece indiscutível, não só em benefício do aluno, como também do professor.

Do lado de cá é preciso romper com o corporativismo ingênuo que só favorece os mecanismos de poder da burocracia universitária. Os minifúndios departamentais jamais levam em conta se o professor dá ou não uma boa aula, ou mesmo se dá aula. O que faz é desestimular o desempenho de ensino em troca da submissão à sua política uterina, da defesa de teses sem relevância social e de títulos acadêmicos que não levam a nada.

Com cabrestos, plumas e paetês, a corporação de ofício desloca da profissão sua atividade principal. Bom professor, como diria o Conselheiro Acácio, é quem dá boa aula. O resto é embromação.

Avaliar a aula, não como um mecanismo punitivo, mas como um diagnóstico para o aperfeiçoamento do ensino, é uma maneira de valorizar o professor. E, pelo jeito como a coisa anda, nosso valor é zero. Não temos avaliação. Menos ainda, valorização.

## Carta à Comunidade

Uma análise avaliativa da PUC/SP nestes últimos anos mostra, inicialmente, a necessidade de consolidar algumas conquistas, tanto no plano de sua política educacional quanto no plano do seu processo de democratização. O Relatório da gestão da Reitoria 1976/1984 aponta alguns dos resultados alcançados, os quais deverão continuar recebendo apoio e se desenvolver ainda mais: a) a qualificação do corpo docente, com a Carreira do Magistério, a política sobre o regime de trabalho privilegiando a contratação por tempo parcial e integral, a Regulamentação do Concurso de Ingresso e Promoção, a criação do Setor de Apoio Pedagógico e a modernização do Setor de Audio Visual; b) o desenvolvimento científico e docente, com o aperfeiçoamento do CEPEo crescimento quantitativo e qualitativo do pós-graduação, a instituição do Fundo de após à Pesquisa, a criação do Escritório de Projetos e Convênios, a melhoria e ampliação dos laboratórios, o aperfeiçoamento do Vestibular, a dinamização da EDUC, a criação do CEDIC e da COGAE; c) a instalação e desenvolvimento dos Conselhos - CEPE - CECOM - CAF, da COGEC, das Secretarias Acadêmicas, dos Colegiados das Unidades; d) o Projeto dos Novos Estatutos; e) a reestruturação administrativa e a reorientação financeira; f) o fortalecimento da Comunidade Universitária; g) e a participação da Universidade na Sociedade, através de um conjunto de meios.

É preciso continuar a caminhada e se abrir para novas conquistas. As mudanças em trânsito na realidade social questionam a todos, trazem novos desafios e a Universidade deve respondê-los de forma séria e competente. Nestes últimos anos, por força da atuação consciente e mobilizadora de grupos, entidades, e pessoas individualmente, com repercussão nas deliberações dos Colegiados, houve uma intensa participação da comunidade como um todo, quer em referência às questões externas, quer em referência à dinâmica interna. Hoje, o quadro mudou. De um lado, estes mesmos setores, ainda que minoritários, mas que potencialmente podem ser ampliados, mostram-se motivados e animados em aprofundar o debate e descobrir novos caminhos. Por outro lado, em outros setores, muito por influência dos graves

problemas sociais do País e da própria realidade educacional brasileira, contingentes expressivos dos segmentos mostram-se desinteressados pelo que acontece na nossa PUC/SP e até mesmo apáticos. A Reitoria se coloca numa perspectiva realista e esperançosa no sentido de que poderemos e saberemos avançar, desde que haja a colaboração da comunidade universitária. Neste sentido, vamos apontar alguns dos desafios que percebemos como críticos e fecundos para a nossa reflexão:

1. A necessidade de se explicitar e aperfeiçoar a política científico-acadêmica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, considerando as exigências de uma ciência comprometida com a realidade nacional, que integre os conhecimentos universais, e a realidade histórica, situacional, institucional e viva da nossa Universidade. Torna-se imperiosa a definição do profissional a ser formado, como cientista, intelectual, homem de cultura, competente e crítico. Faz-se indispensável refletir como a crise da Universidade Brasileira, a indefinição profissional, o desemprego de formados, e o custo do ensino já trazem como consequência evasão nos cursos, diminuição na procura do Vestibular e um decréscimo no total de matrículas.

2. A adoção de uma política de expansão dos cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização, que atenda as demandas de clientela variadas, dentro dos princípios e normas que regem a nossa Universidade e sem se curvar a Injunções externas, mas diversificando temáticas e programações;

3. Uma política cultural para o conjunto dos três campi e que preveja a integração do Complexo TUCA na vida da comunidade;

4. A discussão dos Novos Estatutos, desde a sua aprovação do CFE, até a sua implantação, com as modificações estruturais que estabelece e os cuidados que exige;

5. A continuidade da qualificação do pessoal docente e administrativo;

6. A necessidade sentida, há alguns anos, de que sejam revistas e atualizadas as normas contratuais de trabalho docente de forma a permitir a concretização destes objetivos em consonância com a nossa realidade concreta;

7. A busca de uma sistemática de

avaliação das atividades docentes, capaz de estimular a sua performance;

8. A avaliação dos serviços externos que vêm sendo prestados à comunidade, na linha de buscar sua constante integração com as atividades acadêmicas, de definição de campos, de abertura para a nova conjuntura;

9. O estabelecimento de uma política de serviços internos, que fortaleça a comunidade, a convivência entre os membros dos segmentos e dos três campi, e crie os espaços necessários para o estudo, a pesquisa, a comunicação.

10. A necessidade de se estabelecer um sistema de informação e comunicação ágil e adequado ao desenvolvimento harmônico de todas as atividades.

11. A dinamização do Escritório de Projetos e Convênios para uma abertura da PUC/SP às outras Universidades, e entidades de pesquisa, nos campos internacional e nacional, bem como para obtenção de recursos;

12. A imperiosa necessidade de modernização administrativa, que adeque a instituição ao seu crescimento e ao desempenho de suas finalidades.

Estes pontos nos levam a propor um amplo debate em todos os setores, tendo como primeiro passo a elaboração da Deliberação sobre o regime de trabalho docente para o nosso trabalho a partir de 1986. Muita coisa já se produziu sobre o assunto e de valor. Deveremos aproveitá-la. Outras coisas certamente serão produzidas e nos ajudarão a seguir uma orientação sã e consequente.

Entendemos que há uma série de alternativas possíveis de atuação do professor na Universidade que, se bem definidas e, por que não dizer, criteriosamente controladas e avaliadas pelas instâncias competentes poderão representar um salto qualitativo da PUC/SP. Porém, será necessário conciliar a viabilização imediata com projetos a médios e longo prazo. Se novos serviços e cursos podem aperfeiçoar a política educacional e ser fontes de recursos, por outro lado, a abertura de novos campos e atividades poderão representar subsídios prospectivos em nosso ensino e investimento para o futuro. Se as horas contratuais forem efetivamente aproveitadas este salto poderá ser dado. O que a Universidade deve superar

é a rotina alienadora, o descompromisso social, o desinteresse, a aula como "bico", a passividade.

Uma questão central está em se achar o equilíbrio justo entre produtividade e criatividade, entre a viabilização da PUC e o seu compromisso político educacional, entre investimentos e rendimentos. Para tanto propomos uma amplo debate sobre quais atividades deverão ou poderão compor nossos contratos de trabalho e em que proporção.

Em contrapartida torna-se também necessária uma definição de critérios para avaliação destas atividades o que sem dúvida constitui um desafio, pois a nossa produção é histórica: deve gerar conhecimentos significativos que formem futuros profissionais, intelectuais e cientistas atuantes na sociedade e que não podem ser medidos por número de alunos matriculados e/ou diplomados, nem por presença física em uma sala de aula ou de trabalho. No entanto, sabemos que a nossa presença é essencial no processo educativo. A questão que se coloca é como avaliar e controlar esta nossa produção, atendendo às especificidades de cada área de conhecimento, o contexto histórico e as possibilidades de mudança.

Estes são os desafios que lançamos à comunidade universitária, para que possamos até o final deste semestre, estabelecer novas normas contratuais de trabalho docente e critérios de controle e avaliação tendo em vista o aperfeiçoamento deste trabalho. Desta forma, Contratos e Avaliação deverão ser objetos de análise e discussão por todos os setores da Universidade - Departamentos, Faculdades, Centros, Colegiados, Órgãos Complementares - e, nas três perspectivas fundamentais, acadêmica, administrativa e comunitária. Cada análise e discussão deverá se concretizar em documento, no qual normas e critérios sejam propostos, fornecendo subsídios para discussão e deliberação dos Colegiados Superiores da PUC/SP, ainda neste semestre.

São Paulo, 15 de março de 1985

A Reitoria

## CURTAS

Vais  
Viajar?

És professor e vais viajar? Pois a PUC precisa de ti.

O gabinete do Reitor solicita a quem for viajar que se comunique, pelos ramais 301 ou 302, para possível estabelecimento de intercâmbios e convênios.

## Orçamento 85

Na reunião de 20/3 o Conselho de Administração e Finanças (CAF) e a Reitoria manifestaram sua surpresa com o estouro das previsões de gasto com equipamentos para 85. Pensava-se destinar para esta área 1% do Orçamento Geral, que corresponderia a 580 milhões. Com a chegada dos orçamentos-programa das Unidades constatou-se que este montante se elevará para 10,755 bilhões!

Assim o Comitê de Orçamento aconselhou às Unidades uma revisão de sua previsões de gasto com equipamentos.

Promoções  
pelo

1 - CORAL DA PUC, dia 11/4 às 20:30 hs. vai apresentar-se no auditório da Aliança Francesa do Butantã, à av. Wademar Ferreira, 204. O ingresso custa CR\$2 mil e no programa obras da Renascença Francesa e outras músicas.

2 - JURI SIMULADO, baseado na peça "A Exceção e a Regra", de Brecht. Dia 12/4, às 20:30hs no Pátio da Cruz. Custa CR\$5 mil. A promoção é do CEATS (Depto. Jurídico "22 de Agosto").

3 - MPB-4, dia 10 no Rádio Clube (o que você está fazendo que não comprou seu ingresso?)

4 - O recital de Artur Moreira Lima, no Pal. Bandeirantes foi adiado para 23/5.

## É Pau, É Pedra...

Já começou a obra propriamente dita de reconstrução do TUCA. Algumas vigas de sustentação do teto (a tesoura e várias terças) já começaram a ser demolidas. Para a construção, são feitos contatos com várias firmas para se obter doação de madeira para as formas, ferro e concreto. VOCÊ PODE COLABORAR: se conhecer alguém a fim de fazer doação de material de construção, ligue para 65.0111 ou 65.0118.

A comissão de reconstrução já encaminhou algumas idéias para a Reitoria que deverá aprovar o projeto final, a partir de outras contribuições da comunidade. A comissão espera que este projeto tenha ampla discussão (se você tiver alguma idéia, e quiser vê-la publicada, mande para este jornal).

## Colegiados

## Conselho Universitário

Em sua reunião de 29/3 o CONSUN tratou basicamente da aprovação de bancas para reconhecimento de títulos de docentes, aprovando também a Deliberação para cursos de extensão e mais outra deliberação para concurso de ingresso na carreira do magistério do CCJEA.

O curso de Ciências da Computação, já aprovado no CEPE, foi homologado e passará a funcionar no início de 1986, à tarde.

## Mudanças no CECOM

O Conselho Comunitário (membros eleitos diretamente, paritário), esteve reunido dia 13/3. Logo se ficou sabendo da nova secretária, Maria José Barbosa; do novo Diretor Comunitário de Sorocaba, Pe. Firmino que substituiu o Pe. Enzo. Referente às eleições para Diretoria de Centro, foi criada uma Comissão Central de Organização Política, paritária, que vai servir como órgão de recurso para as comissões eleitorais de cada Centro. Logo foram formados grupos de trabalho: para um plano global para a CRE PUC; para apresentar até junho um projeto sobre os xeroxes; para levantar fundos para bolsas de estudos.

Finalmente, ligada à comissão de serviços do CECOM, pretende-se criar uma Coordenadoria Geral de Serviços, ainda neste semestre.

## Computação aprovada

A reunião de 13/3 do Cons. Ensino e Pesquisa aprovou afinal e por unanimidade o projeto do Curso de Ciências da Computação, que foi amadurecido durante ano e meio. A profª Sônia Iglori, uma das grandes batalhadoras da idéia, estava satisfetíssima com a decisão.

Além disso, o CEPE resolveu questionar a mudança de critérios realizada no final/84 acerca da dotação de recursos para o Fundo de Pesquisa, que teria sido reduzido em 30%.

Outra decisão importante foi a aprovação do regulamento dos Cursos de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão que, entre outras coisas, vai atribuir Certificado de Especialização ou Aperfeiçoamento para quem fez os créditos de Mestrado mas desistiu de fazer dissertação. A idéia foi aprovada, embora o texto passe por uma revisão e ainda deva ser homologado pelo Cons. Univ.

Finalmente, NÃO foi tratada a questão do Escritório de Estágios: fica para abril. Enquanto isso, o setor continua funcionando a título provisório.

## Teses

(final 1984)

20/11 "A contra-ordem do cheque visado no direito brasileiro" de Rubens Tarclio F. Velhosa em Direito. Orientou Alberto Gomes Rocha Azevedo.

28/11 "Desobedecerá: Sobre o sentido da contestação no adolescente" de Maria Lucia Oliveira, em Psico Clínica. Orientou Fábio Hermann.

11/12 "A identificação com a figura materna durante a gravidez", de Ida Kublikowski em P. Clínica. Orientou: Yolanda Cintrão.

13/12 "Redação e Letura, desafios - Um estudo à luz da sintaxe semântica, como contribuição à gramática de texto", de Aurora de Jesus Rodrigues, em L. Port. Orientou: Cilla Coelho.

13/12 "Estudo da Leo 5692/71 no Ensino de 2º grau - consequências na sua implantação", de Maria Helena de Souza Machado, em Educação. Orientou: Antonio C. Ronca.

17/12 "Auto-percepção do superdotado" de Vera R.T. Patl, em P. Clínica. Orientou: Yolanda Cintrão.

18/12 "Dos efeitos da declaração de inconstitucionalidade", de Regina M.M. Nery, em Direito. Orientou: Celso Bastos

18/12 "O Teorema de Hardy no contexto de uma discussão das raízes da função zeta de

Remann", de José E. Pagliardi, em Matemática. Orientou: Peter Almay.

19/12 - "Características dos estudantes do matutino e do noturno do ciclo Básico da PUCSP", de Sandra M.C. Alves, em Psico. Educação. Orientou: José Roberto Malufe.

19/12 - "A orientação educacional revisitada", de Regina Ap.R. Siqueira, em Psico. Educação. Orientou: Joel Martins.

20/12 - "Política Educacional e ensino do Serviço Social no Brasil", de Rosa M.F. Pinto, em Serviço Social. Orientou: Evaldo A. Vieira.

21/12 - "A rosa e o povo: Arte engajada nos anos 60 no Brasil", de Valter A.T. Kraushe, em Ciências Sociais. Orientou: Nicolau Sevcenko.

23/12 - "Unificação Escolar e hegemonia", Lucila Regina S. Machado, em Educação. Orientou: Carlos R.J. Cury.

23/12 "A Pesca e seus trajetos: Um estudo dos pescadores artesanais do canto da praia de Itapema - SC", de Anamaría Almoré Bonin, em Antropologia. Orientou: Josildeth Consorte.

10/12 - "Sala de recursos para treinamento de visão subnormal uma proposta educacional", de Tomáziza Dirce P. Lora, em S. Currículo. Orientou: Mathilde Neder.

DCE: sede nova  
no sub-solo

## Da China

Dia 18/março esteve em visita à PUC o Secretário Adjunto do Conselho de Estado da China Popular, Ai Zhisheng, que veio ao Brasil representando seu governo na cerimônia de posse de Tancredo Neves. Ele foi recebido pelo reitoria, oportunidade onde foram trocadas informações sobre a situação das universidades nos dois países. Segundo o sr. Ai, entre os anos de 66 e 76, a universidade chinesa foi muito afetada em seu funcionamento: "há cinco anos não se recrutavam alunos, os exames de seleção (feitos em todo o território chinês) revelavam uma heterogeneidade muito grande entre os recrutados para a universidade, além do que as condições de infra-estrutura de alojamento dos estudantes (eles moram na universidade) não eram suficientes. A partir de 76 os exames de seleção foram retomados e nos últimos anos aumentou muito o número de universitários na China".

Saciada a curiosidade dos brasileiros pelo que acontecia na China o visitante pode fazer suas perguntas e ouvir a análise do Wanderley (reitor) e da Silvia Lane (Vice-Reitoria Acadêmica) sobre situação da universidade brasileira, as dificuldades de colocação dos formados no mercado de trabalho e um histórico da PUC.

Creche:  
Há Vagas

Ainda existem vagas na CREPUC para pessoas da PUC e do bairro.

Interessados procurar a secretaria da Creche. As crianças devem ter entre 3 meses e 5 anos. O horário é das 7 às 18 h.

Em Tempo:

foi nomeado

Grupo de Trabalho da Creche, coordenado por Sandra Bettoi e com mais 8 membros, para pensar a questão dentro das áreas afetadas às vice-reitorias.

Departamento  
Invadido

Dia 22/3 o CA Benevides Paixão (Jornalismo) invadiu a sala do Depto. de Francês, lá na Ferradura. Em entrevista ao PORANDUBAS (antes da invasão) diretores da entidade diziam que a questão fora resolvida junto ao Vice-Reitor Comunitário, prof. Chizzotti e que esperavam apenas que os professores desocupassem o local.

No entanto, a reação do Conselho Departamental da Faculdade foi de surpresa e, em nota dirigida a toda a Comunidade e especialmente à Reitoria, a atitude dos alunos é repudiada. Depois de afirmar que os entendimentos aconteciam "em clima de máxima boa vontade" o comunicado finaliza reivindicando uma "solução clara e imediata à situação criada, exigindo que seja feito um desagravo do Depto. de Francês", cujos professores estão sem seu material (ficou na sala) e sem local para trabalhar.

Nesta terça (9/4) às 14:30, na sala P65, haverá reunião de membros do Conselho Departamental da Faculdade com o Vice-Reitor Comunitário.

